

NACIONAL

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, qua.

Cientista apóia soberania da Amazônia

MÁRIO CHIMANOVITCH

A opção de como desenvolver a Amazônia pertence exclusivamente aos brasileiros. O problema, no entanto, consiste em definir de que maneira se dê esse mesmo desenvolvimento para que os danos ecológicos sejam mínimos. É bom lembrar que não só Brasil, mas todos os países em desenvolvimento defrontam-se com essa problemática crucial: instrumentar uma estratégia de desenvolvimento, que lhes permita atingir as metas de crescimento programadas, sem com isso coibir as bases ecológicas que representam: em última instância, a base de suas economias.

Essa ponderação foi feita ontem por um eminente cientista norte-americano, Irving Mintzer, associado-sênior do Programa de Clima, Energia e Poluição do Ar do Instituto de Recursos Mundiais, sediado em Washington. Mintzer participou de um debate com cientistas brasileiros que ligou via satélite a capital norte-americana com o Rio de Janeiro e Brasília, cujo tema foi "Alterações Climáticas no Mundo". Trata-se do Programa Arnet, um diálogo via satélite, ao vivo, patrocinado pelo Serviço de Divulgação e Relações Culturais (Usis) da embaixada dos Estados Unidos da América.

Segundo ainda Mintzer, a chave do problema residirá em parte em se elevar a eficiência do uso da energia, de maneira tal que a energia adicional que seja necessária para o desenvolvimento seja reduzida ao mínimo.

Trata-se, a meu ver, de se controlar a Floresta Amazônica e as suas transições, de maneira que não haja muita perda. De forma que o emprego contínuo de matas nas áreas desbravadas possa ser maximizada. A opção seria então, a de se incentivar a colonização e o progresso em áreas e setores que não envolvam tanto a Floresta Amazônica, mas sim em setores secundários de desenvolvimento que já foram des-

bravados anteriormente. Seria importante, então, examinarmos cuidadosamente as subvenções que atualmente estão incentivando o desbravamento e o emprego imediato de certos setores da Floresta Amazônica às custas de uma estratégia de desenvolvimento contínuo", enfatizou Mintzer, acrescentando que, lamentavelmente, não tinha condições de oferecer uma solução técnica única para diminuir os danos causados ao meio ambiente.

William Moomaw, diretor do Programa de Clima, Energia e Poluição do Ar do Instituto de Recursos Mundiais, recapitulou a sua vez a (má) experiência dos Estados Unidos no desbravamento de suas terras virgens.

"Trata-se da lição que aprendemos ao cometer o erro ao colonizar os Estados Unidos, supondo que todo o seu território fosse do mesmo nível de aproveitamento agrícola. Então, com base na nossa própria experiência, eu sugeriria que se procedesse a identificação das áreas realmente aproveitáveis para a agricultura e pecuária, em lugar de se permitir o que nós fizemos: deixar que a população desbravasse qualquer terra, qualquer região. Essa nova estratégia de identificação de terras férteis tornaria máxima a produtividade tanto a longo quanto a curto prazo, preservando as outras regiões que mais se prestam a silvicultura", afirmou.

EFEITO ESTUFA

Os cientistas participantes do painel debateram questões pertinentes ao chamado "efeito estufa" e concluíram que se não forem implementados novos modelos de política desenvolvimentista — e isso abrange igualmente e sobretudo os países industrializados do chamado Primeiro Mundo — o processo de superaquecimento da Terra, em razão da destruição gradativa das camadas de ozônio, vai se acelerar

até atingir índices verdadeiramente inquietantes por volta do ano 2.015.

Todos concordaram que, diante das evidências científicas hoje existentes, que não se trata de um problema meramente acadêmico. E ressaltaram que já têm sido notados efeitos desse processo, através da elevação do nível do mar e a fusão de geleiras. Toda essa transformação acarretará mudanças significativas no clima mundial.

"As florestas tropicais desempenham papéis importantes no processo, uma vez que se constituem em reservas vitais de carbono fixado. Então, se convertermos essas florestas em pastagens ou áreas de cultura menos intensiva, estaremos liberando carbono em maior excesso na atmosfera, carbono acumulado durante milênios ou pelo menos séculos. Estaremos, em outras palavras, eliminando junto com essas áreas, a sua capacidade de eliminar dióxido de carbono através da fotossíntese", afirmou Moomaw. Ele acrescentou que a Bacia Amazônica transpira tanto vapor d'água quanto o volume de água que nela circula em forma de rios:

"Se convertermos toda essa região em pastos, invernadas e investimentos intensivos, reduziremos o seu poder de transpiração, o que terá efeitos importantes no agravamento do chamado efeito estufa, enfatizou Moomaw. Ele acrescentou que atualmente estão sendo propostos nos Estados Unidos novos modelos de desenvolvimento industrial.

"São, na verdade, novas opções políticas que podem se estender aos países industrializados. Seria o caso de arquitetarmos técnicas capazes de reduzir ou eliminar consideravelmente a emissão de gases que favorecem o processo de superaquecimento da Terra. O que estamos buscando é uma redução da nossa contribuição a esse processo degenerador", concluiu.